

reflexões sobre

ARTEvisual

v.2 n.19 outubro 2021



O Jeca e a Arte Moderna.

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO



Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAAALC/UFMS, 09/08/21

Edição:

Reflexões Vol. 2, No. 19, out. 2021 – O Jeca e a Arte Moderna.

Periodicidade: quinzenal

Capa: Apropriação da ilustração da capa da revista Jeca Tatuzinho de Monteiro Lobato ilustrada por Kurt Wiese, 1925.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

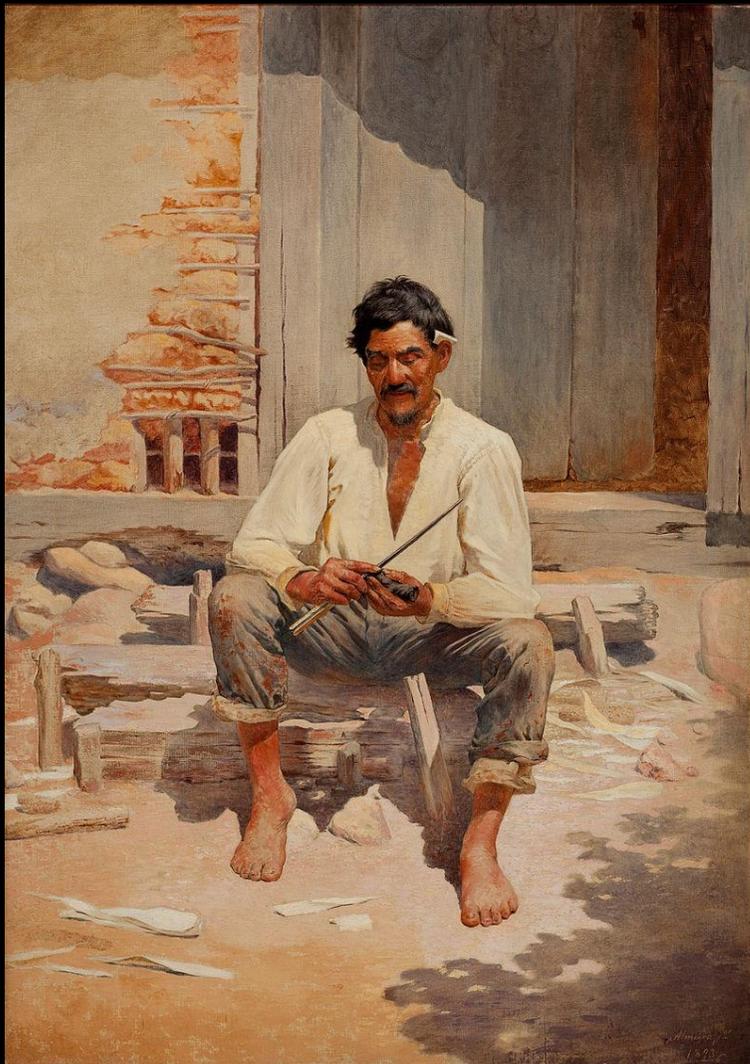
APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

O título desta Reflexão: *O Jeca e a Arte Moderna*, é inspirado em Monteiro Lobato e no *Jeca Tatu* uma personagem criada por ele em sua obra *Urupês*, 1918, nela são contadas 14 histórias baseadas no trabalhador rural paulista. Simboliza condição do caipira, abandonado pelos poder público à mercê de doenças, atraso econômico, educacional e à indigência política. Uma crítica social veemente às condições do trabalhador rural e dos pequenos proprietários. Obra que incomodou o poder público pela veracidade das situações descritas.

Jeca Tatu é configurado por Lobato como um caipira da região do Vale do Paraíba Paulista, sujeito de barba rala, descalço e de calcanhares rachados, pobre, ignorante e alheio aos hábitos de higiene e comportamentos urbanos. Por um lado a visão crítica de Monteiro Lobato percebe e age em prol de ideias e ideais transformadores, mas, em relação à *Arte Moderna*, mantinha uma visão conservadora, o que pode ser comprovado na leitura de sua crítica publicada à respeito da exposição de Anita Malfatti de 1917.



À esquerda, “O caipira picando fumo”, 1893. à Direita, “O violeiro” ambas de Almeida Júnior. Talvez tenham sido estas imagens que impregnaram a memória de Monteiro Lobato ao descrever o seu “caipira” , ou Jeca.

Portanto, o tema é sobre Crítica de Arte, melhor dizendo, de *Crítica sobre Arte* e, neste caso: *Arte Visual*. Quando se fala em *Crítica*, parece que se refere a ela como um campo genérico, mas ao falar sobre Arte, pode-se inferir uma delimitação ou restrição de campo ou área de análise e estudo dirigido para uma determinada área, neste sentido a abordagem crítica pode ser exercida em diferentes contextos sociais e, no caso da Arte Visual, sobre movimentos, conjunto de obras, um ou mais autores e uma ou mais obras, enfim, pode ser limitada ou abrangente, mas deve ser coerente.

O termo crítica é o substantivo feminino de crítico, sua origem vem do grego *kritikós*, e do latim *criticu*, cujo sentido se refere à apreciação, valoração e julgamento de algo. O senso comum trata a ideia de crítica como um comentário negativo sobre alguma coisa, seja ato, conduta ou produto. No entanto, a Crítica se destina a análises, estudos dedicados a aferir a validade de algo dentro de um contexto histórico e/ou sociocultural, portanto, pode chegar a juízos de valor positivos, neutros ou negativos.

Neste sentido a crítica condensa: apreciação, valoração e julgamento, ou seja, deve gerar pareceres abalizados com vistas a situar e esclarecer o que foi avaliado dentro de um determinado segmento social, cultural e/ou artístico, deixando de lado as paixões ou preferências pessoais. Embora muitos críticos se coloquem na posição de juízes autocráticos, tomando por base o gosto dominante, seu ou do grupo ao qual pertence, o que leva a distorções, portanto, este não deve ser o caminho para a crítica séria e erudita.

A crítica personalista teve seus maiores representantes no período de transição entre a Arte Clássica e tradicional para o Modernismo. Entre os séculos XIX e XX, ocorreram os maiores problemas na medida em que as manifestações artísticas começaram a se afastar do gosto burguês e, com isto, passaram a receber críticas negativas por parte dos representantes daqueles que detinham o poder cujas falas chegavam ao ponto de serem dirigidas às pessoas e não às Obras ou ao contexto da Arte, gerando deformações analíticas e conceituais.

Ao longo da história vê-se que é comum manipular ou conduzir a opinião pública por meio da instauração de um poder dominante que só age em benefício dele próprio. Quanto menos informação, mais ignorância; quanto mais ignorância, mais facilidade na manutenção do poder. Para isto basta não investir em Educação, Cultura ou na melhoria das condições sociais e de trabalho, assim a população se torna refém do poder, para que as coisas mudem a crítica deve estar e ser exercida em todos os níveis do sistema social.

Neste sentido é possível entender a defesa de uma *Teoria Crítica* que surgiu de um ensaio-manifesto, publicado por Max Horkheimer em 1937, intitulado *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*. A Teoria Crítica defendida pela Escola de Frankfurt, se distingue da teoria tradicional racionalista cartesiana de acordo com um propósito prático específico: uma teoria é crítica na medida em que busca a emancipação humana. Considero que a Arte, a partir da conquista de sua autonomia, se torna um ambiente crítico e de redenção.

Portanto a Crítica no campo da Arte, se destina a esclarecer, informar, orientar leituras, recortes e abordagens destinadas a ampliar a compreensão da Arte e por consequência a capacidade humana de criar e apreciar a criação artística como um dos modos de desenvolvimento intelectual, crítico e estético. Pensar uma sociedade sem Arte é pensar uma sociedade sem “alma”. Alma no sentido de identidade, valores comuns, humanísticos e universais que visam a liberdade de pensamento, expressão, respeito e igualdade.

A meu ver, a atitude crítica é sempre uma conduta analítica que parte da apreciação e tem como objetivo estabelecer ou reconhecer aspectos intrínsecos ou extrínsecos às Obras mediante comparação ou confrontação com as demais manifestações representantes da mesma espécie, lastreados numa mesma cultura ou ambiente social de tal modo que os parâmetros sejam identificáveis e plausíveis dentro de um mesmo contexto. Seria incoerente comparar as manifestações de culturas diferentes com os mesmos parâmetros.

Usar, por exemplo, os critérios da Arte Ocidental para analisar ou criticar a Arte Oriental, levará fatalmente a erros imensos de interpretação. Não se pode ignorar que as manifestações artísticas decorrem de lugares e épocas diferentes. Mesmo que se trate de um mesmo lugar, mas em tempos diferentes, as manifestações serão também diferentes. Do mesmo modo que obras tomadas numa mesma época, mas de locais diferentes, serão diferentes. Portanto, há necessidade de estabelecer critérios de análise das manifestações coerentes com o tempo e o espaço.

A crítica sobre Arte Visual pode ser feita sobre um conjunto de obras constituído pela produção de um autor, de um período ou mesmo sobre uma só obra que mereça atenção ou se destaque no contexto da produção artística ou da cultura. É um meio de consolidar a identidade cultural e não um modo de dizer sim ou não a alguém ou alguma coisa. Acredito que a atitude crítica deva ser sempre analítica e qualitativa e não opinativa. A opinião é julgamento pessoal raso, de valor limitado a bom ou ruim, gosto ou não gosto, portanto, não é crítica é desinformação...

As preferências pessoais não são condenáveis, apenas não devem ser critério de análise ou julgamento no campo das teorias da Arte pelo caráter altamente subjetivo do qual estão impregnadas, por isto não devem ser difundidas como “verdades”. Ninguém pode se auto definir como “dono da verdade”, nem tem o poder de atribuir valor ao trabalho de outrem baseado apenas em preferências pessoais. O trabalho crítico deve ser amparado em estudos, análises e avaliações ponderadas pelos conhecimentos acumulados.

Um crítico não deve ignorar áreas como as da História, Filosofia, Estética, Sociologia, Antropologia entre outras que auxiliam a compreensão da diversidade humana e podem subvencionar suas avaliações técnicas. Crítica, além de um campo literário é também um campo de conhecimento e não de ficção. Nada impede ninguém de escrever o que pensa, mas o conhecimento é o único meio de manter o bom senso e impedir a prática da ignorância. O que se espera de um “crítico criterioso” é, no mínimo, bom senso.

A Crítica deve estabelecer parâmetros entre as condições socioculturais, técnicas e estéticas de um lugar, período ou manifestações cujo resultado seja capaz de mediar a relação entre a produção artística e o público e, assim, promover o conhecimento sobre Arte. A função da Crítica, em última instância, é auxiliar a apreciação, o conhecimento e o respeito à produção artística de modo geral. É uma auxiliar no contexto das manifestações artísticas destinada a facilitar a apreensão e compreensão das Obras de Arte.

Contemporaneamente as atitudes críticas que defendem valores absolutos, rígidos ou definitivos não encontram respaldo no contexto já que a cultura é um organismo vivo, dinâmico e em constante mutação, logo, a crítica mais preciosa é a que se faz à luz da sua própria época, que analisa, avalia e explica a Arte em relação ao seu próprio tempo e as contribuições para o todo e que auxilia a construção do conhecimento para ampliar os horizontes de entendimento e compreensão das Obras de Arte no seu tempo.

A crítica é importante para balizar o entendimento da Arte ou, pelo menos, para mostrar sua importância no contexto social na medida em que ela pode refletir as mudanças de atitude, de proposições em contraponto com as mudanças sociais. De modo geral, deve-se afastar a crítica mal intencionada, depreciativa já que os parâmetros para julgamento estão na própria obra e no contexto cultural em que ela existe e não no gosto ou no interesse de um crítico, colecionador ou marchand.

É necessário e desejável que o exercício crítico seja livre e isento de influências e de interesses pessoais. Do mesmo modo que a expressão artística é impregnada de valores culturais, crenças e tendências, o texto crítico também estará contaminado pelo olhar da época, por mais criterioso que seja o crítico, corre o risco de recorrer ao “espírito da época” e subverter o texto a uma visão restrita e muito temporalizada, datada ou localizada num dado lugar e numa certa época.

É importante que os críticos sejam oriundos do meio em que exercem sua crítica, entretanto, não é incomum que, indivíduos originários de áreas correlatas ou mesmo de áreas completamente diferentes da Arte exerçam a crítica de Arte. O mesmo pode ser dito de vários artistas que também não são originários exclusivamente desta área de formação exerçam atividade de produção artística. Uma das características da Arte é ser aberta e livre, acessível a todos que por ela optar.

Nesse sentido a presença da Crítica é essencial para “por os pingos nos is”. A questão do Autodidatismo em Arte é um fator inerente e recorrente nesse campo. É necessário separar duas questões em relação a isto: a primeira questão diz respeito à liberdade de expressão e *exercício* da atividade artística e a segunda diz respeito à *Formação* de educadores, bacharéis, estudiosos, pesquisadores, historiadores, críticos e demais profissionais no campo do conhecimento sobre Arte, estes não são autodidatas, mas especialistas.

Para se fazer crítica consequente, a base de tudo é a informação. Há que se conhecer as diferentes teorias da arte, os diferentes artistas e as tendências estéticas de uma dada época sobre a qual se dedica. Não é possível pretender apreciações, análises e julgamentos de valor adequados sem os conhecimentos necessários para um domínio de causa suficiente para o exercício crítico já que este fazer é essencial para a compreensão dos fenômenos artísticos como tais, não se pode considerar coerente a crítica superficial.

Se o exercício crítico não for tomado como um processo consistente, sério e necessário, o contexto da Arte perde muito. A crítica, como disse, deve *mediar* o conhecimento entre a produção e a apreciação. A crítica tem também uma função educativa, não educacional no sentido pedagógico, mas no de facilitar a interação entre a produção artística e a sociedade. Esta mediação deve contribuir para que as pessoas possam se aproximar das manifestações artísticas sem dificuldades.

Lamentavelmente, o exercício crítico na atualidade está fora da maior parte dos meios de comunicação social. A maioria dos textos críticos estão restritos, praticamente, ao ambiente acadêmico e o público em geral se encontra isolado deste contexto. O público está cada vez mais distante do conhecimento sobre Arte já que o sistema educacional, que deveria diminuir esta distância, não tem tido as condições de fazê-lo.

Bem, vou usar alguns temas críticos como exemplo. O primeiro é o que surgiu por ocasião da Primeira Exposição da *Société Anonyme Coopérative des Artistes Peintres, Sculpteurs, Graveurs*, realizada de 15 abril a 15 maio de 1874. Os artistas que apresentaram as 165 obras não faziam ideia de que seriam os “Impressionistas”. Dez dias depois da abertura da mostra, o *Le Charivari*, uma revista satírica de Paris, publicou o artigo do crítico de arte Louis Leroy (1812-1885), que desdenhava e chamava os artistas de impressionistas.

O objetivo era o de ridicularizá-los e tomou, a pintura de Monet: “Impressões do sol nascente” 1872, cuja palavra impressão foi usada para denegrir o processo pictórico adotado pelo artista como uma falta de técnica e capacidade estética. Dizendo não haver qualquer objetividade no reconhecimento da imagem e que eram apenas impressões e que qualquer “papel de parede” seria melhor do que ela. Enfim, uma crítica, por assim dizer, negativa. Quem tiver interesse pelo texto integral:

https://arthive.com/publications/1812~Pictorial_Louis_Leroys_scathing_review_of_the_First_Exhibition_of_the_Impressionists

Mas não foi só Leroy que contestou as mudanças provocadas pelo advento do Modernismo no contexto da Arte Visual. Louis Vauxcelles, crítico francês, também reagiu negativamente às transformações em curso naquele período. Chamou de “Les Fauves” (feras) a exposição do Salon d'Automne, de 1905, para descrever de maneira zombeteira o grupo de pintores relacionados a Henri Matisse. O grupo também rompia com o modelo tradicional da Arte alterando as formas e cores naturalistas.

Por coincidência, as pinturas foram expostas na mesma sala em que havia uma escultura de Donatello que lhe serviu de referência para desaprovar tais obras ao dizer: “um Donatello entre as feras”. E não parou por aí, em 1908, Vauxcelles, em sua crítica à exposição de Georges Braque na galeria de Kahnweiler, qualifica o modo como Braque realiza suas obras: “*reduzindo tudo, lugares e figuras e casas, a esquemas geométricos, a cubos*”, nada adequado para o gosto da época, assim “batiza” o Cubismo.

Parece que este tipo de crítica maledicente cria uma espécie de reação e o “feitiço se vira contra o feiticeiro”. Isto ocorreu também no Brasil, com a crítica de Monteiro Lobato “desferida” contra Anita Malfatti, quando de sua exposição em 1917. Como disse, vou usa-la de exemplo de como “NÃO” fazer crítica, pois o modo como o agressor, digo crítico, se comporta é insidioso e maldoso em seu texto. Então me dispus a fazer uma crítica à crítica de Lobato à Anita. Antes alguns dados sobre eles.

José Bento Renato Monteiro Lobato (1882-1948). Escritor, editor, tradutor, ativista de tendência nacionalista. Hábil desenhista e caricaturista não frequentou escola de Arte, mas sim de direito, tornando-se advogado. Personalidade importante no contexto nacional debateu questões de caráter agrário, econômico e político. Um grande brasileiro, visionário e idealista. Não desqualifico nem condeno Monteiro Lobato por seu trabalho e sua produção intelectual como escritor e ativista político.

Escritor de grande qualidade e produção. Trouxe para a literatura nacional a “brasilidade” confrontando com as traduções da literatura estrangeira. Narizinho, Emília, Visconde de Sabugosa e demais personagens de sua literatura infantil ainda hoje são replicadas e comemoradas. Defensor do petróleo nacional, da autonomia nacionalista foi vítima de boicote, da repressão e da economia. Empresário, escritor, lutador por excelência. Sua obra literária é uma das mais importantes do período.

E não é sobre sua obra que me detenho, pela qual tenho maior apreço, admiração e respeito, mas sobre o modo como teceu a crítica à Anita Malfatti como um exemplo de como não fazer isto. Aqui uma breve biografia da artista: Anita Malfatti (1889-1964). Foi uma artista dedicada a pintura, iniciada por sua mãe, instrutora de pintura particular. Em 1910 viaja para Berlim e frequenta o estúdio de Fritz Burguer e ingressa na Academia de Belas Artes de Berlim. Tem também aulas com Lovis Corinth, depois com Ernest Bischoff-Culm.

A iminência da Primeira Guerra, faz Anita voltar ao Brasil e realiza sua primeira exposição em 1914. Em 1915 vai estudar nos Estados Unidos, primeiramente na Art Student's League em NY, depois passa a receber lições de Homer Boss e depois na Independent School of Arts. De volta ao Brasil, faz nova exposição em 1917. A exposição de 1917 é a que recebeu as críticas de Monteiro Lobato, fato que levou alguns compradores a devolverem as obras e exigirem o dinheiro de volta.

Embora tudo isto tenha lhe causado grande mágoa e decepção, continuou pintando. Fazendo ainda aulas com Pedro Alexandrino e depois com George Fischer Elpons. Em 1928 faz sua última exposição. Depois disso volta-se para a carreira do magistério, mas mantém seu atelier dando aulas de pintura. Este é um exemplo de como uma crítica tendenciosa pode levar alguém a desistir de uma carreira artística. Obviamente muitas pessoas podem desistir de fazer Arte, mas isto deve ser uma decisão pessoal e não forçada pela crítica.

A crítica de Monteiro Lobato foi publicada na edição da tarde de O Estado de S. Paulo, em 20 dezembro de 1917, o texto: *A propósito da exposição Malfatti*. Tece críticas contundentes às obras e principalmente à pessoa de Anita Malfatti. Por isso destaco este texto como tendencioso e um exemplo de como não fazer crítica. A mim pareceu um texto opinativo e personalista, o que não garante isenção no julgamento de uma Exposição de Arte do porte da que a pintora havia organizado naquele momento.

A exposição aconteceu de 12 de dezembro de 1917 a 11 de janeiro de 1918, com 53 trabalhos. A polêmica causada pela crítica é também considerada como um dos elementos deflagradores do Movimento Modernista no Brasil, do qual a Semana de Arte Moderna de 1922 é o principal marco histórico. A Mostra não era somente de suas obras, embora a maioria fosse, também haviam obras e outros artistas como: Floyd O'Neale, Sara Friedman e Abraham S. Baylinson. Contudo, Lobato centra sua crítica em Anita.

Após a crítica muitos artistas e escritores manifestaram seu apoio a Anita, mas isto não diminuiu sua frustração. Se quiserem lê-la é só acessar:

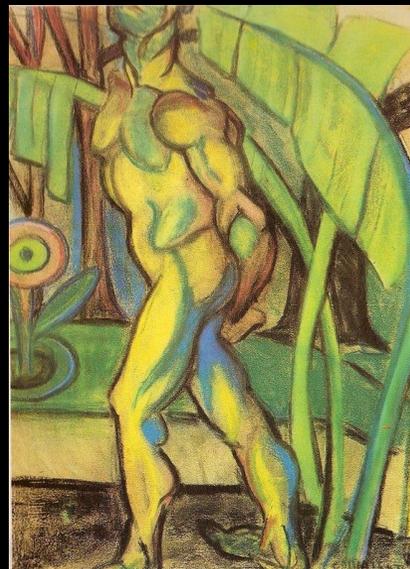
<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos/send/16-textos/721-paranoia-ou-mistificacao-lobato-x-malfatti>

Para tanto, vou recortar trechos para destacar o que considero uma má crítica. A despeito do ano ser 1917 e os movimentos da vanguarda europeia já serem conhecidos no país, o próprio Lobato admite, mas ainda considera que os grandes artistas são os gregos, renascentistas, barrocos e os Neo-Clássicos do séc. XIX.

Estas são algumas das obras de Anita Malfatti que tanto incomodaram Lobato.



Anita Malfatti: "Ventania", 1915; "A Onda", 1917 e "Tropical", 1917.



Anita Malfatti: "Nu cubista n.1", 1915; "Torso", 1915-16; "O homem de sete cores", 1916 e "A Estudante russa", 1915.

Vamos ao texto: nos dois parágrafos iniciais Lobato revela sua visão conservadora e estabelece quem, para ele, é artista. Observem que o texto de Lobato está em *itálico* e os destaques em **negrito** são meus.

*“Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que **veem normalmente** as coisas e em consequência disso fazem arte pura, guardados os eternos ritmos da vida, e adotados para a concretização das emoções estéticas, os processos **clássicos** dos **grandes mestres**.*

*Quem trilha por esta senda, **se tem gênio**, é Praxiteles na Grecia, é Rafael na Itália, é Rembrandt na Holanda, é Rubens na Flandres, é Reynolds na Inglaterra, é Lenbach na Alemanha, é Zorn na Suécia, é Rodin na França, é Zuloaga na Espanha. **Se tem apenas talento** vai engrossar a plêiade de satélites que **gravitam em torno** desses sóis imorredouros.”* Percebe-se então que para ele a Arte parou no século XIX e tudo o que veio depois disso, não tem mais condições de ser entendida como tal.

No terceiro parágrafo denigre as novas manifestações artísticas que surgem com o Modernismo e tece sua visão agressiva contra tais artistas como a escória da Arte: “**A outra espécie é formada dos que veem anormalmente a natureza, e interpretam à luz das teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos do cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência; são frutos de fim de estação, bichados ao nascedouro.**

*Estrelas cadentes, **brilham um instante, as mais das vezes com a luz do escândalo, e somem-se logo nas trevas do esquecimento**”.*

No quarto parágrafo: “*Embora eles se deem como novos, precursores duma arte a vir, nada é mais velho do que a arte anormal ou teratológica: nasceu com a paranoia e com a mistificação*”.

Bem, ao que parece ele se enganou no prognóstico e tais rebeldias não sucumbiram às trevas do esquecimento, nem à paranoia ou a mistificação.

No parágrafo quinto, justifica o que chama de paranoia atribuindo esta conduta aos reclusos nas casas de saúde mental dizendo que lá isto é adequado mas no contexto externo não: *“De há muito já que a estudam os **psiquiatras** em seus tratados, documentando-se nos inúmeros desenhos que ornaram as **paredes internas dos manicômios**. A única diferença reside em que **nos manicômios essa arte é sincera, produto lógico de cérebros transtornados pelas mais estranhas psicoses;**...*

*...e fora deles, nas exposições públicas, zabumbadas pela imprensa e absorvidas por americanos malucos, **não há sinceridade nenhuma, nem nenhuma lógica, sendo tudo mistificação pura**”.* A paranoia e mistificação das quais fala são resultado das obras de “cérebros transtornados” ou Mistificação de falsos artistas, entre eles Anita... Pois se ela e os que ela considera relevantes, por ter se filiado aos processos estéticos e conceituais dos expressionistas, por exemplo, se não é louca está ao lado dos mistificadores.

Nos parágrafos subsequentes, sexto e sétimo, indica os modos e procedimentos que devem reger a “boa arte” perene e estável. Um regramento para quem quer ser um bom artista deve respeitar:

“Todas as artes são regidas por princípios imutáveis, leis fundamentais que não dependem do tempo, nem da latitude”

Portanto, entende que há regras universais e atemporais que devem ser seguidas e preservadas para sempre.

*As medidas de proporção e equilíbrio, na forma ou na cor, decorrem do que chamamos sentir. Quando as **sensações do mundo externo transformam-se em impressões cerebrais, nós “sentimos”**; para que **sintamos de maneira diversa, cúbica ou futurista, é forçoso ou que a harmonia do universo sofra completa alteração, ou que o nosso cérebro esteja em “pane” por virtude de alguma grave lesão**”. Ou seja, segundo ele, só se veem coisas deformadas se houver uma alteração mental.*

Vale lembrar um pouco do Monteiro Lobato escritor, se tomarmos por referência personagens de seu Sítio do Pica-Pau Amarelo, será que ele perdeu o juízo ao criar um jacaré falante: a Cuca? Ou um Sabugo que agia e falava como gente: Visconde de Sabugosa? Ou de uma Boneca falante que agia, vivia e convivia com pessoas “normais”. Ou será que na sua literatura a fantasia, a imaginação são “lógicas” e racionais e criação alheia não? A ele a liberdade e imaginação, aos outros: regras.

“Enquanto a percepção sensorial se fizer normalmente no homem, através da porta comum dos cinco sentidos, um artista diante de um gato não poderá “sentir” senão um gato, e é falsa a “interpretação” que do bichano fizer um totó, um escaravelho ou um amontoado de cubos transparentes”. Neste oitavo parágrafo coloca que a matriz geral da criação é a percepção literal do mundo natural, baseada na apreensão e imitação mimética, qualquer alteração, modificação, reinterpretção ou ressignificação deve ser rejeitada e desprezada.

No nono e décimo parágrafos volta-se contra Anita:

*“Estas considerações são provocadas pela exposição da sra. Malfatti onde se **notam acentuadíssimas tendências para uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso e companhia. Essa artista possui um talento vigoroso, fora do comum. Poucas vezes através de uma obra torcida para má direção, se notam tantas e tão preciosas qualidades latentes...***

*...Percebe-se de **qualquer daqueles quadrinhos** como a sua autora é independente, como é original, como é inventiva, em que alto grau possui um sem número de qualidades inatas e adquiridas das mais fecundas para construir uma sólida individualidade artística”. Age de modo passivo-agressivo ao destacar o “potencial” da artista ao mesmo tempo diz que torce suas qualidades no mal sentido, que seus “quadrinhos” revelam criatividade e inventividade, mas está no caminho errado:*

*“Entretanto, **seduzida** pelas teorias do que ela chama **arte moderna**, penetrou nos domínios dum impressionismo discutibilíssimo, e põe todo o seu **talento a serviço duma nova espécie de caricatura**”.*

Não entende que o que Anita mostra não tem nada a ver com o Impressionismo, talvez use o a mesma ideia de impressão como efeito visual, que levou Leroy a criticar Monet, mas chama de *caricatura* suas obras de imagens “deformadas”.

E continua:

*“Sejamos sinceros: futurismo, cubismo, impressionismo e “tutti quanti” não passam de outros **ramos da arte caricatural**. É a extensão da caricatura a regiões onde não havia até agora penetrado. Caricatura da cor, caricatura da forma – caricatura que não visa, como a primitiva, ressaltar uma ideia cômica, mas sim **desnortear, aparvalhar o espectador**”.* Ou seja, segundo ele, não basta os artistas se tornarem caricaturistas mas também passam a “emburrecer” os espectadores.

Continua se referindo aos espectadores:

*“A fisionomia de quem sai de uma dessas exposições é das mais sugestivas. **Nenhuma impressão de prazer, ou de beleza** denunciam as caras; em todas, porém, se lê o **desapontamento** de quem está incerto, duvidoso de si próprio e dos outros, **incapaz de raciocinar**, e muito desconfiado de que o mistificaram habilmente”. O espectador é um simples joguete na mão dos artistas mistificadores. Uma vítima indefesa e burra...*

E continua por aí: *“Outros, certos críticos sobretudo, aproveitam a vasa para épater les bourgeois. Teorizam aquilo com grande dispêndio de palavrório técnico, descobrem nas telas intenções e subintenções inacessíveis ao vulgo, justificam-nas com a independência de interpretação do artista e concluem que o público é uma cavalgada e eles, os entendidos, um pugilo genial de iniciados da Estética Oculta. No fundo, riem-se uns dos outros – o artista do crítico, o crítico do pintor e o público de ambos.*

“Arte moderna”, eis o escudo, a suprema justificação”.

Percebe-se que na maior parte do texto fala de seu desprezo pela Arte Moderna, mas não por tentar entendê-la e sim com o intuito de denegri-la e levar seus leitores para o mesmo caminho. Recorre novamente aos mestres que citou no início de seu texto reforçando os pressupostos do que considera Arte: *“Na poesia também surgem, às vezes, furúnculos dessa ordem, provenientes da cegueira nata de certos poetas elegantes, apesar de gordos, e a justificativa é sempre a mesma: arte moderna.*

“Como se não fossem moderníssimos esse Rodin que acaba de falecer, deixando após si uma esteira luminosa de mármores divinos; esse André Zorn, maravilhoso “virtuoso” do desenho e da pintura, esse Brangwyn, gênio rembrandtesco da babilônia industrial que é Londres, esse Paul Chabas, mimoso poeta das manhãs, das águas mansas e dos corpos femininos em botão”. Seus elogios são destinados aos artistas que representam o universo da tradição e seu gosto.

Bem, imagino que o texto tenha mostrado que a posição crítica de Monteiro Lobato, reforço que considero que o modo como ele construiu seu texto seja um exemplo de como não fazer isto. O texto Lobatiano é opinativo e destinado a defender sua posição e gosto pessoal em relação ao que pensa sobre a Arte Moderna. Ainda hoje, há condutas deste tipo, tanto em relação ao Modernismo quanto à Arte Contemporânea, parece que dois séculos ainda não foram suficientes para atualizar o pensamento sobre a Arte produzida hoje em dia.

Desde o Modernismo, o fazer artístico se caracteriza como um campo de Pesquisa e de Conhecimento sobre Arte. Não é só ou apenas um lugar para o desenvolvimento de técnicas, habilidades, virtuosos para cópia ou imitação do visível, mas sim um ambiente propositivo e de criação que pretende estar em sintonia com o seu tempo na medida em que dialoga com as situações e circunstâncias atuais. Por isto continuo acreditando que:

Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma.